

Entrevista com a psicóloga e psicopedagoga **Conceição Corrêa das Chagas** (CRP 05/3255), doutoranda em Psicossociologia pela UFRJ.

**1) Qual a sua posição com relação às cotas para negros? Por quê?**

Eu tenho uma posição favorável às cotas. Até na tese que eu estou fazendo, analiso gráficos que vêm mostrando que o negro entra na classe de alfabetização, mas conforme as séries vão subindo, vai afunilando para menos. Poucos concluem o primeiro segmento do primeiro grau, que seria a quarta série. A oitava, muito poucos concluem também. No segundo grau, piora e, na universidade, piora mais ainda. E, mesmo quando entra, como mostra um gráfico do IPEA de 2001, a parcela de negros nas ditas “profissões nobres”, como medicina, direito e engenharia, é mínima. O negro acaba ficando com as profissões que implicam em menos despesa e desempenho, mesmo porque o vestibular funciona como um gargalo. Esses gargalos vão impedindo o negro de entrar, assim como o índio.

Mas eu sou favorável às cotas considerando-as dentro das políticas afirmativas, sendo uma faceta delas. Elas são necessárias para os negros entrarem em todos os setores – na questão do mercado de trabalho, de habitação, do índice salarial. O negro está nas profissões onde o salário é menor e o desempenho não prima para o intelectual. O negro está muito no trabalho doméstico, na faxina, na cozinha. Não estou querendo falar que o negro tenha que ir para a universidade para entrar em profissões nobres, mas porque é o direito de todo cidadão. É uma questão de cidadania. Por que para ele é cortada essa possibilidade desde o útero materno? Sendo filho de negros, ele já vem “destinado”, pela própria família, que introjetou essa visão de inferioridade, essa postura racista que existe no Brasil, a se assumir enquanto inferior. Pai e mãe já pouco empenho empregam para que ele vá para a escola, pois acham que o destino dele é a enxada ou o serviço de limpeza. Ela já não tem o incentivo da própria família.

Você nota que o negro a entrar e sair da universidade é o que tem pais que ultrapassaram essa barreira da inferioridade, que já estão com a auto-estima trabalhada, que já estão nas comunidades trabalhando com direitos sociais, que já descobriram os direitos do negro, negados a ele desde a escravidão e mesmo após a abolição. Ou seja, o negro que tem essa compreensão de que os negros estão nessas condições no país não porque seja incapaz, preguiçoso ou malandro, mas porque desde o navio negreiro ele chegou a Brasil com o destino de ser um cidadão inferior.

**2) Quais críticas você faria ao sistema de cotas conduzido no Brasil?**

Acredito que na medida em que desde a pré-escola o negro já seja tratado de forma igualitária, essas cotas tendem a se extinguir. Minha filha é negra e é médica e psicóloga por duas faculdades públicas. Isso é porque eu e meu marido somos professores, sempre incentivamos. Quanto mais pai e mãe têm uma visão de direito e de negritude assumida, eles vão facilitando essa educação inclusiva nos filhos. A restrição que eu faço às cotas é que não basta pôr a cota no terceiro grau. Temos que ter um segundo grau na escola pública de qualidade, já visando dar condições para que esse aluno enfrente o crivo do vestibular com direitos iguais.

Acho que pelo menos mais dez anos vai durar essa péssima qualidade do ensino público, porque os professores não estão conscientes. Se a consciência do professor, do diretor, do supervisor não chegar (a essa visão de igualdade), o ensino público vai continuar de péssima qualidade para todos e ainda pior para o negro, que já entra estigmatizado – ele é visto como burro, como vadio, como alguém que não presta. O professor na sala de aula já lida com ele nessa direção.

**3) Você falou sobre o papel dos pais na conscientização dos filhos negros. E qual seria o papel do restante da sociedade nesse processo?**

O papel da sociedade é o de entender porque o negro tem mais dificuldade do que o branco. Talvez a sociedade como um todo pudesse fazer como fazemos no movimento negro. Vamos às escolas conscientizar professores, trabalhamos no Fórum Mundial de Educação, na Uerj. Nós, do Movimento Negro, somos incansáveis em fazer isso. Tanto que essa lei das cotas e todo o processo de inclusão é consequência da luta do Movimento Negro. O pré-vestibular comunitário, por exemplo. Mas ele não seria necessário se a escola pública fosse de qualidade.

A sociedade tem que ser esclarecida e deixar muito claro que o negro não está pedindo favor, ele sempre deu duro para conquistar o que ele quer. Ele está pedindo que a sociedade compreenda que na realidade brasileira, por ter chegado aqui na condição de escravo, ele até hoje é olhado como um cidadão de segunda categoria. Ele quer que a sociedade entenda como se deu a escravidão e como esses estigmas chegaram para o povo negro, para que a sociedade também ajude para que esse processo de cotas dure o mínimo possível. A gente não quer cota a vida inteira. A gente quer um ensino de qualidade.

#### **4) Como você acha que as cotas podem influenciar na questão da desigualdade racial no Brasil?**

As cotas podem ser o primeiro passo para a diminuição dessa desigualdade, desde a pré-escola. A escola pública não tem pré-escola e deveria ter para a mãe negra que trabalha poder deixar seus filhos. Mas, apesar de serem importantes num primeiro momento, não só as cotas bastam. Acho que toda a sociedade precisa ser educada para compreender por que há a cota para o povo negro e indígena.

#### **5) Você chegou a acompanhar resultados dos alunos cotistas nas universidades? Quais foram esses resultados?**

Como trabalhei muito com pré-vestibular para grupos carentes, não estou diretamente ligada a esses alunos. Mas alguns que entraram por cota na PUC – a primeira a adotar esse sistema – eu mantive contato e tinham um desempenho tão bom quanto os outros alunos, apesar de não terem estudado em escolas de qualidade. A dificuldade não é da aprendizagem, mas da falta de recursos. A queixa dos alunos a era de não ter passagem para ir à universidade, não ter como se alimentar, como comprar livro, tirar xerox. Eles também sofreram racismo dentro da faculdade, o que foi combatido pela universidade.

Acredito que esses alunos poderiam fornecer uma bolsa de estudos. Os grupos da comunidade também poderiam facilitar isso. Vemos uma série de empresas, até do governo, dando uma série de bolsas. Mas para esses alunos negros eu nunca vi isso. Não há um esforço nesse sentido. Tanto que no pré-vestibular carente, o professor paga a passagem do seu bolso. Não há uma verba de ONGs, empresas ou do governo.